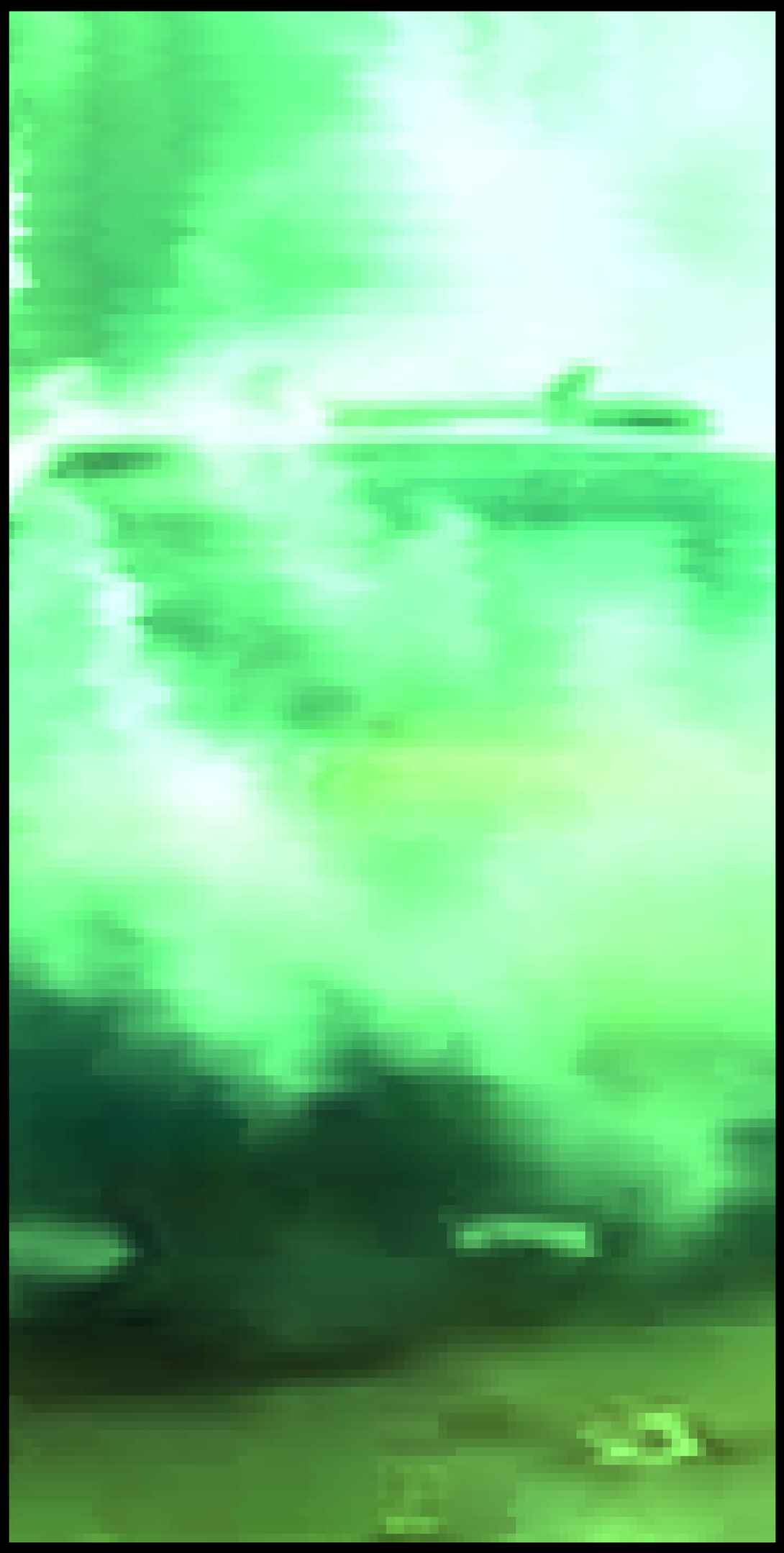
PEDRO
DE HOLLANDA



DENTRO DA TRAGÉDIA HAVIA UMA ESPÉCIE DE MENTIRA CALMA

MIRADA

ao desembarcar na terra das chantagens

o farelo contaminado do poder
ou a urina da vergonha
se espalha nos bueiros
ou nos becos
nas colchas de retalhos
ou nas coxas dos escravos
da cidade em vigília digital ou cardíaca ou esquizofrênica
cada pequeno exemplar de poder se grandeia
cada qual tem seu estilete, cassetete ou carteirada

na terra das chantagens
financiam sua casa própria
contra favos ou favores impróprios
alugam o sossego
por um maço de cigarros
ou ponta de bagana
enterram os ossos
para desenterrar
os dentes de ouro ou platina
vendem os rins da sobrinha
por um meia-dúzia de cabeças de gado

na terra das chantagens

o pão vale menos que o pau

a dor vale menos que o grito

a água que se bebe é mais verde que o cloro

a alma que se vende vale bem menos que o pó

na terra das chantagens

o medo é a moeda

de troca ou de culpa

o riso incomoda

porque é invisível e ácido e livre

na terra das chantagens

a lei é o deboche da lei

dentro da tragédia havia uma espécie de mentira calma

como se a infância parasse num pedaço do bairro desatento
(não se notava a sombra pérfida de um maníaco no poder)
acreditava que a duas quadras tudo estivesse do mesmo modo
intocável, cáustico e claustrofóbico, mas previsível
não importava se o ridículo provocasse fome
não importava se o delírio rendesse o suicídio de um anônimo
a ausência se vestia de um auto-olhar, inegavelmente vesgo
e tudo era permissível, vigiado e morno
ou esquecido ou deixado de lado.

existe um espaço de tempo entre o que ela sente
e o que de fato seu corpo responde

ela me lembra que o corpo está em mim
sem fronteiras entre o objeto que dança
e o que juntamos ou empilhamos como sentir
sem propriedade
sem mérito
dezenas de bicicletas atravessam a retina distraindo-me
os desejos são matérias aflitas no peito
a proximidade com a perda final nos define como poeira
mas o vento
é o que movimenta os milhares de fragmentos desta poeira-passado
fabriqueta de ilusões
res-piro os metais pesados que nos retém na massa cinzenta
res-enlouqueço nos sons, nos pequenos sonetos
de todos os orgasmos
abrevio o tempo medido com as verdades do que sonho
as lágrimas estão no peito daqueles desejos das matérias aflitas
[o sexo está em toda a parte]
o poema não pode me terminar por aqui
as lágrimas no peito lavam a alma desidratada
dezenas de bicicletas atravessam a retina re-distraindo-me

rejeito a música que me soa como rejeitos de uma barragem
prestes a retornar como notícia trágica, como notícia-metáfora
o vento movimenta os fragmentos desta poeira atemporal
[pausa]
expira-se o prazo, expira-se o ar como fuligem somatizada
a sede física se coloca à frente da ideia como obstáculo
a sede do irrealizável se forja como a cena do improvável
a água já não se vende como água
a continuidade do poema já não é importante.

Pedro de Hollanda é arquiteto, designer, escritor, poeta, dramaturgo e artista visual.

Capa: reprodução da gravação da abordagem a Genivaldo de Jesus Santos, morto em uma viatura da Polícia Rodoviária Federal.

Diagramação: Taciana Oliveira

MIRADA